

Aulas de canto online e socialização: um relato de experiência

Comunicação

Michelle Arype Girardi Lorenzetti
michelleglorenzetti@gmail.com

Resumo: O presente relato aborda a experiência de aulas de canto particulares e online a partir da perspectiva de uma professora. As aulas online aqui retratadas tiveram início com a pandemia Covid-19. A partir das situações que ocorriam em aulas, durante o período de quatro meses, foram feitos registros por escrito, com o devido consentimento dos alunos. O texto foi estruturado em cinco tópicos: desafios como professora ao iniciar aulas online, adaptações ao necessitar dar aulas de canto sem cantar, as relações de um aluno com o aplicativo *Smule*, as aulas de canto online como espelho e um Sarau Online como possibilidade de socialização entre alunos. O texto apresenta reflexões sobre aspectos do ensinar canto online, bem como as estratégias pedagógicas utilizadas e adaptações efetuadas.

Palavras-chave: aula de canto, aula online, socialização.

Introdução

A prática de canto é complexa (SOUZA et al, 2009), bem como sua definição. Segundo Schmeling (2005, p. 14), “a prática do canto possibilita diversas abordagens”. A partir dos conceitos de Green (1986), a autora descreve o canto como prática vocal “possível de ser vivenciada por qualquer um, sem fazer distinção entre o cantar, o cantarolar [...]”. (SCHMELING, 2005, p. 16). Gembris (2017), em um dos capítulos do livro *Aspektes des Singens: Ein Studienbuch*¹, que se propõe a trazer materiais sobre canto sob diferentes abordagens, define o cantar como “a forma musical mais original de expressão humana [...]”² (GEMBRIS, 2017, p. 11, tradução nossa). Specht (2015), em sua tese de doutorado “Formando e se transformando no cantar: dois estudos de caso” deparou-se com o desafio de definir conceitualmente a palavra cantar. Com o andar da pesquisa, o olhar da autora foi voltando-se para a “um cantar que se mostrava único em cada sujeito cantante” (SPECHT,

¹ Aspectos do canto: um livro de estudo (tradução nossa).

² Em alemão: “Singen ist die ursprünglichste musikalische Ausdrucksform des Menschen [...]” (GEMBRIS, 2017, p. 11)

2015, p. 33). Specht (2015) desvelou a formação do cantar no cotidiano, na maneira como seus colaboradores lidavam com seu cantar, os espaços que soavam, suas formações de formando e transformando nas experiências da vida e nas suas narrativas.

A área de canto, segundo Mariz (2016, p. 127), dá pouca atenção a “como incluir o aluno como sujeito ativo de sua aprendizagem”. Segundo a autora, “os docentes de canto não se consideram educadores propriamente ditos, mas treinadores de artistas”. A partir de minha formação em educação musical, especialmente na perspectiva sociológica, e como professora de canto, proponho-me neste relato a refletir sobre algumas situações.

Com o início da pandemia pelo Covid-19, precisei, assim como tantas outras pessoas, adaptar minha rotina e o trabalho. Com esta adaptação, algumas pessoas que viam no noticiário pessoas de outros países cantando nas janelas, começaram a perguntar se eu iria oferecer aulas de canto online. Desde 2005 eu dava aulas de canto, porém, eu não possuía experiência com o ensino online de canto. Decidi iniciar esta experiência online, com a disposição de ir me auto avaliando no processo e voltar atrás caso eu percebesse que não estava auxiliando na aprendizagem daqueles que se dispusessem a fazer as aulas.

Para este relato optei em utilizar situações vivenciadas em aulas de dois alunos e da experiência em um sarau online. Por costume, sempre faço registros escritos das aulas, e estes foram utilizados para a presente escrita com a devida autorização dos alunos. Optei em manter o relato inicial de uma primeira aluna anônimo e, com um dos outros relatos, em comum acordo, optei pelo uso de codinome.

As aulas de canto

As aulas de canto fazem parte de minha história com música, e formei-me bacharel em canto antes de fazer a licenciatura em música. Desde o início de meus estudos acadêmicos em música dou aulas de canto para diversas idades. Nos últimos anos, porém, esta deixou de ser minha atividade principal, pois optei em dedicar-me à pesquisa, à minha formação como professora no nível superior.

No início da pandemia de COVID-19, no início de 2020, eu estava somente com uma aluna de canto presencial, e fiz a proposta para fazermos as aulas online. Fizemos uma primeira experiência e ela não se mostrou muito confortável, por ter outras pessoas no seu

apartamento e por sentir que o som poderia atrapalhar a rotina dos seus vizinhos. Mesmo assim, vimos como uma possibilidade por perceber que a ferramenta escolhida nos garantia uma qualidade de som, que a internet permanecia estável, que tínhamos qualidade de imagem. Porém, eu seguia pensando como possibilitar uma aula que a interessasse.

As aulas presenciais, anteriormente, eram dadas em uma sala sublocada, em uma escola de música. Na aula individual, ela não tinha contato direto com outros alunos, mas, ela saía do trabalho para ir para um local pensado para fazer música, ver outros músicos, instrumentos, quadros. Tudo a levava para se sentir mais dentro da atividade.

Após nossa primeira tentativa online, a aluna pediu-me para continuarmos as aulas quinzenalmente, porém, queria uma “aula de canto sem cantar” até termos a possibilidade de voltarmos presencialmente. Senti-me desafiada como professora e tentei pensar em assuntos que seriam de seu interesse. Conversamos sobre música, sobre a voz, sobre aspectos fisiológicos, mas, a cada aula eu questionava sobre sua motivação para as aulas. Até que, em uma aula eu fui questionada, pois ela queria saber o que eu ensinava para alunos de ensino superior. Ela sabia que eu havia trabalhado como professora substituta em uma instituição e que havia ministrado uma disciplina chamada Música e Sociedade. A partir disto, comentei o que trabalhávamos na disciplina e falei que não seria algo prático envolvendo a voz. Ela mostrou-se curiosa e comecei a aula seguinte perguntando: “qual a tua história com a música?” Ela, inicialmente, disse ter começado a se envolver com as aulas de canto recentemente, mas segui tentando compreender mais a história dela. Em um momento, ela recordou-se de sua família e começou a contar que seu pai cantava, tendo ela ido em diversas serestas, shows, festivais e bailes com seu pai. Recordou das brincadeiras cantadas com suas amigas também e como a música era presente desde a sua infância. Segundo ela, “havia passado uma borracha na sua história”, por achar que aquilo não era importante para sua relação hoje com a música. Comentei sobre as pesquisas existentes sobre educação musical e família, como Gomes (2009) e Bozzetto (2012), entre outros temas. Ela se emocionou e agradeceu por eu ter lhe dado “um presente”. Retomei com ela como, para mim, a voz era um jeito de estar no mundo e o quanto era importante o repertório escolhido poder se conectar com a sua própria história. Acabando a aula, ela solicitou para que voltássemos a cantar nas aulas.

A experiência com esta aluna começou a me atentar para as dificuldades e potencialidades que poderiam existir nas aulas neste ambiente online, e decidi fazer um post nas minhas redes sociais comunicando que estava dando aulas. Junto com a imagem de divulgação, coloquei o seguinte texto:

Já pensou em fazer aula de canto? E já pensou em fazer aula em casa? Nesses 15 anos dando aulas, a voz de muitas pessoas queridas cruzaram meu caminho. Que as redes permitam novos encontros e que nossas vozes ecoem por aí ☐☐ Vamos cantar? ☐☐ Ah, não precisa ter experiência! (02 de abril de 2020)

O texto trazia esta minha experiência como professora, como eu percebia minha relação com ex-alunos e a proposta de fazer novos encontros entre as vozes. Além disto, o texto começava a apresentar algumas convicções e minha disposição para ensinar, independente do nível de conhecimento. Para minha surpresa, a procura foi muito grande. Foram mais de vinte e oito compartilhamentos e sessenta e oito comentários em uma das redes sociais que divulguei, além dos outros contatos.

Um dia após a divulgação, eu já havia começado a dar aulas. As primeiras aulas com cada aluno foram dedicadas a explicar as ferramentas que tínhamos, a baixar os aplicativos necessários, a pensar na posição da câmera, na luz, na utilização de fones de ouvido, além das outras combinações mais administrativas como horários, pagamentos. Não tínhamos um contrato por escrito, mas combinações verbais.

Eram aulas de 45 a 50 minutos semanais. As aulas consistiam em exercícios para aprimoramento vocal e trabalho com repertório. Com a maioria dos alunos optei pela utilização do *Google Duo*, por ser um aplicativo gratuito, fácil de usar e com a possibilidade de ser utilizado a partir do número de telefone, não necessitando uma conta de e-mail. A escolha por ele também foi feita pela facilidade em baixá-lo, e por saber que ele funcionaria do navegador do computador, no celular ou outro dispositivo.

Para mim, o ensino de canto possui alguns princípios, os quais tentei mantê-los neste ambiente online. A voz, para mim, é possibilidade de encontro com o outro, e, assim sendo, exige respeito por suas escolhas, repertórios, dificuldades, facilidades. Como Schmeling destaca no texto escrito com outras autoras, “para que ocorra um processo de aprendizagem significativo, mostra-se de fundamental importância que o professor/regente

considere as práticas músico-vocais dos alunos/cantores, respeitando e não ignorando a maneira como ouvem e cantam em seu cotidiano” (SOUZA et al, 2009, p. 987). Assim sendo, sempre proponho que o aluno escolha o que quer cantar.

Apresento, a seguir situações envolvendo aulas com dois alunos e com uma situação de apresentação online.

Fernando: cantando no *Smule*

Fernando contou que gostava de ficar no seu quarto cantando sozinho e que passou a ter mais experiências com sua voz cantando na igreja. Foi nas missas, no grupo de jovens que sua prática de canto passou a ser mais constante. Em 2010 ele foi meu aluno de canto, e, com o início da pandemia me procurou novamente para ter aulas online.

Fernando nunca parou de cantar, seja em seu quarto, nas suas gravações em casa, nos coros, na igreja ou em outras experiências. Ele conheceu o aplicativo (*app*) *Smule* em uma propaganda de vídeo uns dois anos atrás. *Smule* é um aplicativo para cantar, como um karaokê. Nele é possível fazer gravações individuais, em duetos e grupos. Chama a atenção que logo após o nome *Smule* está a sua designação como “cantar social”. Fernando chegou a baixar o *app*, mas não o usava muito. Com a pandemia, viu o uso do aplicativo como uma opção para seguir cantando.

Nas aulas de canto online passei a utilizar com grande frequência o recurso da gravação. Chamou-me a atenção que Fernando me enviava *links* de suas gravações e estas me levavam para este aplicativo. Nisto, comecei a questioná-lo como utilizava-o. Ele contou-me que começou utilizando uma versão gratuita que só podia cantar com outras pessoas quando convidado. Quando recebeu uma promoção, realizou uma assinatura e agora ele podia gravar e convidar outros para cantarem junto. Para ele, “o grande ‘barato’ do *Smule* é cantar com as outras pessoas”.

O *Smule* configura-se para Fernando como uma motivação para continuar cantando, porque sabe que terão pessoas o convidando para fazer duetos, cantar em grupos. É um local de relações, de amizades que são constituídas a partir da experiência de cantar “dentro do aplicativo”. Fernando me explicou que dentro do *Smule* existem nichos e, lá, consegue encontrar pessoas que se identificam com o repertório que ele gosta: musicais.

Ele canta com as pessoas que o seguem e assim vai criando vínculos. Uma outra forma de vínculos são os grupos formados no *app*, como o *Glee Club*. Há grupos criados no aplicativo que sugerem periodicamente aos seus participantes que gravem músicas sobre temas específicos (os *assignments*), a exemplo da série de TV *Glee*³. Mesmo sem ter a obrigatoriedade de participar, sem sofrer punições ou prejuízos caso opte em não gravar uma música, Fernando considera que os desafios são balizas que o ajudam a seguir cantando. Ao comprometer-se com os outros, ele se mantém ativo no canto.

Beltrame (2017), ao destacar aspectos da cultura digital e participativa na educação musical, apresenta estudos, principalmente da literatura internacional, que analisam o engajamento de estudantes, professores e músicos com as mídias. A autora apresenta o trabalho de Tobias (2015) no qual “a ideia de engajamento está marcada pelas possibilidades de criar e compartilhar músicas (autorais, *covers*) com o intuito de criar espaços para discussões musicais, *feedbacks* e colaboração entre as pessoas que compartilham dos mesmos interesses musicais.” (BELTRAME, 2017, p. 141).

Os “*assignments*”, ou atribuições, são trazidas por Fernando para as aulas de canto, onde o repertório é trabalhado. São discutidas questões mais técnicas da voz, as escolhas interpretativas, o timbre que se espera, os locais de falsete, a articulação das palavras, fraseado, respiração, questões técnicas de gravação, bem como o contexto das canções escolhidas. Um dos desafios surgiu a partir do movimento *Black Lives Matter*⁴, e havia a proposta de escolher uma música que abordasse sobre racismo, superação, empoderamento. Fernando escolheu a música *This is me*⁵ do musical *The Greatest Showman*, baseado em fatos reais. Compreendo este tipo de desafio como um exercício de reflexão sobre o papel da música na sociedade, fazendo com que o canto, mesmo como atividade de lazer, seja um canto pensado como prática social (SOUZA, 2004).

³ *Glee* é uma série musical exibida a partir de 2009 na Fox. O escritor da série, Ian Brennan idealizou o seriado como filme, embasado na sua própria experiência com coral na escola. Fonte: <http://prev.dailyherald.com/story/?id=294645>.

⁴ *Black Lives Matter* pode ser traduzido como “vidas negras importam”. A organização é global e foi fundada em 2013 tendo como um de seus objetivos intervir na violência às comunidades negras. Os protestos antirracistas ganharam projeção nas redes sociais e noticiários em 2020 com o assassinato de George Floyd após ser imobilizado por um policial. Fonte: <https://blacklivesmatter.com>

⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=CjxugyZCfuw>

Fernando foi selecionado para participar como cantor solista de dois musicais online no *Smule*, *Rent* e *Waitress*. A seleção dos cantores, os coros, os solos são todos feitos no próprio aplicativo e proporcionam uma experiência de canto para as pessoas de dentro de suas casas.

Célia: aula online como espelho

Célia começou a fazer aulas com a pandemia, mas nós já nos conhecíamos de vista, pois ela já havia feito uma oficina de canto comigo. Aposentada, dedica parte de seu tempo para a música coral, participando de dois coros. Um deles é vinculado à igreja e outro de uma associação. Ao me procurar para fazer aulas, disse ter dificuldades para cantar com o corpo, para se expressar.

Em função da pandemia, as atividades do coral foram suspensas e, para manter-se cantando, Célia buscou as aulas de canto. O repertório escolhido por Célia para as aulas tem canções do coral da associação, trechos de seus solos do coral da igreja, canções que cantarola em casa, canções que marcam sua história. Célia, que nas suas experiências corais lida com repertórios diferentes, reconhece que os contextos que canta “moldam” sua forma de cantar. Ela percebe diferenças entre o canto popular, da música que canta em apresentações e aquelas que canta em missas.

Nas aulas com Célia trabalhei a aprendizagem de trechos de canções, memorização de letras, expressão, interpretação, além de questões técnico-vocais como passagem, condução de frases, e questões estilísticas das músicas. “Ir se soltando” nas aulas online constituiu-se um grande desafio, pois, segundo Célia, era um desafio olhar para si.

As aulas online, por serem em um aplicativo de vídeo, expunham os alunos a se olharem durante os exercícios. Célia expôs: “talvez, se estivesse fazendo aula presencial, não ficaria me olhando como eu fico por estar usando o vídeo. Talvez uma ou outra aula seriam com espelho, mas não todas”.

Eu não havia pensado anteriormente no fato de os alunos terem “um espelho” constante durante as aulas, tendo que lidar com sua imagem. O foco e a distração de se olhar, passaram a ser constantes nas aulas. Célia contou que começou a se ouvir melhor quando parou de se olhar no vídeo.

As diferenças do canto em grupo e individual também se tornaram assuntos das aulas. Nas palavras de Célia, ao comentar sobre a passagem da voz, ela perguntou: “Estava tentando pensar na tal da passagem: como no coral eu faço? Me dei conta que se eu olhar em algum ponto qualquer, consigo entender melhor a nota. Como no coral sai? Lá já estou acostumada”. Célia nunca havia estudado sozinha e percebeu que no coral sentia-se apoiada e que lá “tinha suas bengalas”, referindo-se ao como se sentia apoiada pelos colegas para cantar. Outro desafio das aulas online é que, pelo *delay*⁶, não seria possível cantarmos juntas, retirando a possibilidade de “bengalas” para entradas, passagens mais difíceis. Por outro lado, esta dificuldade tornou-se possibilidade de aprendizagem.

Em uma das aulas estávamos tentando ajustar uma entrada e não estava dando certo. Como professora senti-me desafiada a pensar em uma alternativa e, como estávamos lidando com uma mesma gravação base que eu havia feito, vi que marcaríamos os minutos talvez a ajudasse. Isso deu segurança e possibilitou cantar, pois segundo Célia, com a dica do momento exato que tinha que entrar, começou a ouvir, perceber o som e entender a entrada. O recurso utilizado por mim já não poderia mais ser a imitação, algo tão comum no canto.

Célia reforçou que achava “fantástico escolher as músicas”, porque assim conseguia se sentir mais à vontade. Essa questão remete ao quanto a constituição de um repertório está ligada à identidade. Célia dizia-se da “geração ie ie [referindo-se à Jovem Guarda] e bossa nova”. Outra questão que Célia pontuou sobre o repertório é perceber que ele terá algum tipo de uso. “Se trabalhar uma música que vai ter alguma utilização eu consigo me dedicar mais, me disciplinar mais no estudo”.

Sarau Online: socializar e cantar

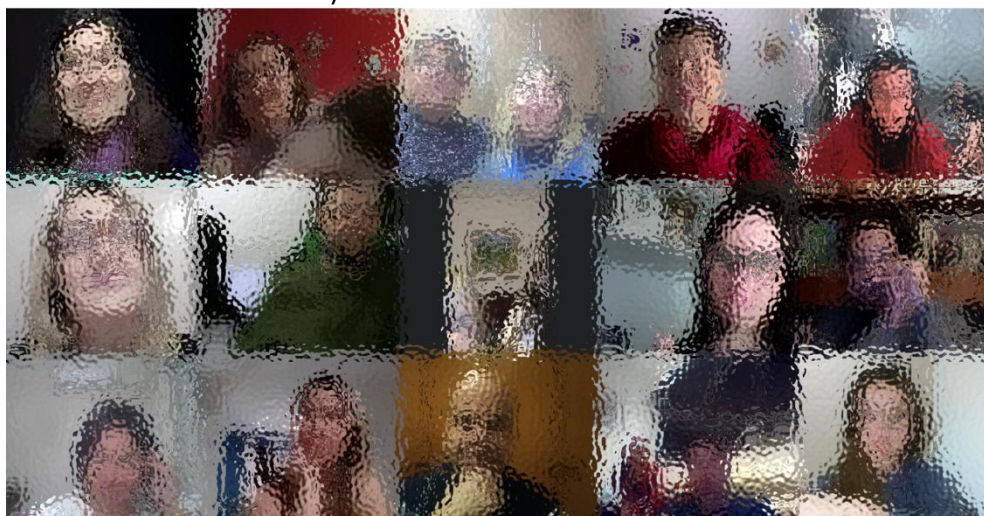
As experiências contadas destes dois alunos são uma pequena parcela das vivências das aulas online. E, pensando na possibilidade de trocas entre diferentes alunos, propus um sarau online. Tantas experiências eu estava vivenciando de forma individual, que eu mesma sentia a necessidade de trocar, de valorizar as outras experiências que cada um tinha com música, ao exemplo da situação da primeira aluna.

⁶ *Delay* significa atraso ou demora.

Ao abordar o sarau como possibilidade de socializar, compreendo socialização apoiada em Setton (2008, p. 2), no qual esta não é entendida apenas com a noção de integração, mas como “um processo construído coletiva e individualmente e capaz de dar conta das diferentes maneiras de ser e estar no mundo”. Lucas (2000, p. 109), ao comentar a tradução do texto de Nanni (2000), utiliza o conceito socialização, comentando sobre as formas pelas quais os sujeitos constroem seus saberes no relacionamento cotidiano com música, “independente de uma intervenção didática”. Por mais que o sarau seja uma proposta pensada didaticamente, as relações dele decorrentes extrapolam a intervenção.

O Sarau Online ocorreu dia 01 de agosto de 2020, contando com treze apresentações e uma participação especial. Eram alunos de idade variada, de cinco anos a mais de sessenta, sendo a maioria adultos. Os alunos foram convidados a participarem cantando uma música, mesmo tendo começado as aulas há pouco tempo, justamente com o objetivo de estabelecer relações com outros alunos. O Sarau iniciou com uma apresentação, visto que poucos se conheciam entre si e moravam em cidades e até Estados diferentes. Foram cerca de uma hora e quarenta e cinco minutos de encontro pelo *Google Meet*. O link foi disponibilizado com antecedência e foi feita uma aula com cada aluno no *Meet* para habituar-se, como se fosse uma “passagem de som virtual”. Cada aluno optava pela melhor forma de ser acompanhado: playback da internet, gravação em teclado, gravação com violão ou o aluno mesmo tocando ao vivo.

Figura 1: Sarau online (a imagem foi editada para preservar a identidade dos alunos)



Fonte: elaboração própria

O ambiente colaborativo foi percebido pelos alunos, sendo comentado por Célia que “a impressão era que ninguém estava se achando melhor que os outros”, sendo muito importante o incentivo para que todos conseguissem cantar e os aplausos ao fim.

As aprendizagens do sarau seguiram repercutindo nas aulas, e este momento foi compreendido por alguns alunos como um exercício de sistematização do conhecimento e como um momento que complementou as aulas individuais possibilitando a socialização.

Considerações finais

Neste texto abordei experiências de aulas de canto online a partir da perspectiva de uma professora. As experiências relatadas ocorreram no período de quatro meses e foram escolhidas situações registradas de três alunos e de um sarau online para serem compartilhadas.

O presente relato foi apresentado em cinco tópicos: desafios para uma professora iniciando com aulas de canto particulares online, um primeiro caso de aluna sobre seu desejo de uma aula de canto sem cantar, o aluno Fernando e sua relação com o aplicativo *Smule*, a aluna Célia e as aulas de canto online como espelho e o Sarau online como possibilidade de socialização. As reflexões voltaram-se para os aspectos do ensinar canto online, as estratégias pedagógicas utilizadas e as adaptações efetuadas.

Souza e outros autores (2009, p. 990), ao refletirem sobre suas pesquisas, apontaram para “a necessidade de um alargamento da concepção do cantar, de flexibilidade necessária para se trabalhar com um repertório que atenda às demandas [...]”. Como professora, percebo, como apontam as autoras, a necessidade de seguir refletindo sobre as dimensões sociais que atravessam as práticas musicais, sejam elas coletivas, individuais, online ou presenciais, bem como nas especificidades deste ensino online de canto particular.

Referências

BELTRAME, Juciane Araldi. O home studio como espaço de criação e aprendizagem musical. *Debates*. UNIRIO, n. 18, p.136-161, maio, 2017. Disponível em:

<<http://www.seer.unirio.br/index.php/revistadebates/article/view/6522/5833>>.

BOZZETTO, Adriana. *Projetos educativos de famílias e formação musical de crianças e jovens em uma orquestra*. Porto Alegre, UFRGS, 2012. Tese (Doutorado em Música). Programa de Pós-Graduação em Música, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

GEMBRIS, Heiner. Entwicklungspsychologische Befunde zum Singen. In: LEHMANN-WERMESER, Andreas; NIESSEN, Anne (Org.). *Aspekte des Singens: Ein Studienbuch*. Musikpädagogik im focus Band 1. Augsburg: Wißner, 2017.

GOMES, Celson Henrique Sousa. *Educação musical na família: as lógicas do invisível*. Tese (Doutorado em Música). Programa de Pós-Graduação em Música, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

GREEN, Anne-Marie. *Les adolescents et la musique*. Issy-les-Moulineaux: Éditions EAP, 1986.

LUCAS, Maria Elizabeth. Comentário. In: NANNI, Franco. *Mass Media e socialização musical*. Tradução de Maria Cristina Lucas e revisão de Maria Elizabeth Lucas. *Em Pauta*. Porto Alegre, v. 11, n. 16/17, p. 108-143, 2000.

MARIZ, Joana. A voz que desabrocha, o canto que se constrói: perspectivas para o ensino do canto popular brasileiro. *Música Popular em Revista*, Campinas, ano 4, v. 2, p. 117-134, jan.-jun. 2016.

NANNI, Franco. *Mass Media e socialização musical*. Tradução de Maria Cristina Lucas e revisão de Maria Elizabeth Lucas. *Em Pauta*. Porto Alegre, v. 11, n. 16/17, p. 108-143, 2000.

SCHMELING, Agnes. *Cantar com as mídias eletrônicas: um estudo de caso com jovens*. 2005. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SPECHT, Ana Claudia. *Formando e se transformando no cantar: dois estudos de caso*. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SOUZA, Jusamara. Educação musical e práticas sociais. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 10, 7-11, mar. 2004.

SOUZA, Jusamara; SCHMELING, Agnes; DIAS, Leila; TEIXEIRA, Lúcia. Para além da afinação: compreendendo as experiências do canto a partir de investigações em canto individual e

coletivo. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, 18., *Anais...* Londrina, Out., 2009. p.985-992.